

DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.99957>

RELIGIÃO E POLÍTICA

Milad Odabaei^{1, 2}

Gostaria de usar essa oportunidade para sublinhar a atenção ao tempo e à história que fundamentam a contribuição de Saba para o estudo da relação entre religião e política. Para começar, “religião” e “política” no trabalho de Saba não são conceitos genéricos e pré-fabricados, que podem facilmente ser transportados entre diferentes geografias e temporalidades. Eles são conceitos históricos. Eles emergem dentro de um processo histórico particular e seu uso conceitual relaciona-se ao próprio desdobramento temporal deste processo. Em outras palavras, concepções de religião ou política têm passados particulares e pertencem a futuros particulares. Enquanto tal, eles emergem atrelados a práticas e performances, formas de razoabilidade, habituação e incorporação [*embodiment*] que simultaneamente materializam o seu processo histórico subjacente e o levam adiante no tempo. O trabalho de Saba no campo da teoria crítica nos convida a interrogar os conceitos dominantes de religião e de política que herdamos e a explorar suas limitações presentes e possibilidades futuras. Por sua vez, seu trabalho no campo da antropologia nos convida a mover na direção contrária: a navegar etnograficamente processo históricos em curso com a finalidade de explorar concepções menos familiares de religião e política, que podem abrir futuros diferentes daqueles (condenados) que herdamos.

O modo com que o tempo e a história são enfatizados pelo trabalho de Saba também é registrado pela centralidade do conceito de “tradição”. Através de um engajamento com a obra de Alasdair MacIntyre (2001) e Talal Asad (1986), o conceito de tradição dá especificidade e substância para a “religião” e a “política” ao entrelaçar suas dimensões corpóreas, práticas e temporais.

¹ É pesquisador pós-doc Andrew W. Mellon no Departamento de Antropologia da Universidade de McGill, Canadá. E-mail: milad.odabaei@mcgill.ca.

² Tradução por Bruno Reinhardt.

Tradições políticas e religiosas mantêm-se vivas através de sensibilidades incorporadas e atualizações de convenções. Elas são renovadas através da temporalidade rítmica da repetição e reinterpretadas e renegociadas diante de circunstâncias em mutação. Talvez o aspecto mais importante do conceito de tradição no trabalho de Saba seja seu modo de fazer valer os domínios extra-jurídicos da historicidade e da socialidade sobre concepções jurídicas seculares de política e religião. Em outras palavras, seu trabalho defende uma compreensão ampla de política e de religião que articula diversas formas de lei (reveladas, instituídas, etc.) às pré-condições históricas e sociais que possibilitam sua adesão.

O trabalho de Saba deixou uma segunda marca no estudo da religião e da política, também devedora de sua atenção para a história: a qualidade relacional desses conceitos. Seu engajamento histórico com o liberalismo e com o secularismo, para citar algumas instâncias, elabora sobre essas tradições políticas tendo em vista a *longue durée* do desenvolvimento da Europa e do Cristianismo. Saba sublinha, por exemplo, a significância do processo de secularização na Europa para a elaboração da política do secularismo e da concepção de “religião” constituída em meio a esse processo. Ela torna legível as afinidades entre liberalismo e Protestantismo, que proveem o primeiro de eficácia histórica e potência. Em uma direção contrária, Saba investigou etnograficamente o reavivamento islâmico no Egito de modo a provincializar as políticas emancipatórias liberais e de esquerda, e trouxe à luz as energias históricas e o substrato epistemológico particulares que as sustentam.

Ao oscilar entre a interrogação da dívida da política liberal e de esquerda com a hegemonia europeia e a interrogação da política islâmica contemporânea, o trabalho de Saba aponta ainda para um outro modo de se atentar para a história: a simultaneidade. Sua crítica dos conceitos de religião e política, sua ênfase permanente nos legados destrutivos e excludentes do passado e do presente do colonialismo e do imperialismo, sua análise do encolhimento do político no Oriente Médio e seu exame das minorias religiosas sujeitas à lógica do secularismo, são todas predicadas na atenção

à simultaneidade dos processos temporais e das tradições, assim como nas assimetrias e desentendimentos entre estes. No espaço que me resta, gostaria de elaborar sobre uma das possibilidades abertas pela atenção de Saba ao problema da simultaneidade e das tradições discordantes. Eu desenvolvo essa possibilidade nos termos de minha própria pesquisa, situada no Irã, de modo a mudar o foco da relação entre o Islã como uma “religião” minoritária e o desenvolvimento de longo prazo do liberalismo na Europa, para uma situação histórica em que o Islã é uma tradição dominante tanto em seus registros corpóreos e rituais quanto em suas extensões legais e intelectuais.

Apesar do modo de investigação de *Politics of Piety* (Mahmood, 2005) ser centrado no reavivamento Islâmico no Egito e nos atentar para os limites da política liberal, este livro provê insights que nos ajudam a pensar a história do Irã e do Oriente Médio. Faz isso porque a política liberal e de esquerda não é imanente aos desenvolvimento dessas regiões e ocupa o terreno da história ao lado de tradições que têm outros ritmos e fluxos. O trabalho de Saba nos convida a considerar a natureza das circunstâncias históricas de um lugar como o Irã, em que os enquadramentos discursivos e historiográfico que tornam eventos e a própria história legíveis, logo, que condicionam possibilidades sociais e políticas, têm a sua gênese no desenvolvimento histórico da Europa. Que tipo de mundo é o Irã, que, apesar de não-europeu, (também) fala através dos idiomas europeus da religião e da política? Quais são as suas possibilidades para a crítica e o cultivo de si? Quais são suas coordenadas espaciais e temporais, seu passado, presente e futuro?

Meu trabalho aborda essas questões através de um estudo histórico e etnográfico sobre a tradução de textos de teoria social europeia para o farsi no Irã pós-revolucionário, em que a tradução tem emergido como uma prática central entre oficiais do Estado, seminaristas Xiitas, acadêmicos, ativistas, e jovens de classe média proficientes em inglês, enquanto esperam emigrar para o Ocidente (Odabaei, 2018). Apesar de atento para as questões da história e da simultaneidade assim como abordadas no trabalho de Saba, meu trabalho muda o *locus* da in-traduzibilidade da historiografia política europeia para o Irã. Interrogo os problemas da religião e da política como

parte de uma trajetória que, apesar de entrelaçada com desenvolvimentos europeus, não corre paralela a estes, logo não pode ser subsumida pela historiografia europeia, mesmo as de teor mais crítico. Esta pesquisa desenvolve uma potencialidade do trabalho de Saba que abre espaço para pensar as especificidades e qualidades disjuntivas das histórias não-europeias em um mundo de hegemonia europeia. Em um momento de encolhimento do político no Oriente Médio, minha esperança é responder de maneira fértil o convite de Saba a explorarmos as histórias do presente, a nos atentarmos aos seus registros de in-traduzibilidade e suas possibilidades restritivas, de modo que sejamos de fato capazes de pensar a política e a religião, ao invés de simplesmente reagir a elas.

REFERÊNCIAS

ASAD, Talal. *The Idea of an Anthropology of Islam*. Washington, DC: Georgetown University, 1986. (Occasional Papers Series).

MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude*. Bauru: EDUSC, 2001.

MAHMOOD, Saba. *Politics of Piety: the Reform of the Feminist Subject*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

ODABAEI, Milad. *Giving Words: Translation and History in Modern Iran*. 2018. Thesis (Ph.D. in Anthropology) – University of California, Berkeley, 2018.

Recebido em: 28/10/2019

Aprovado em: 28/10/2019